



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

SEGUNDA VISITA AO AQUÁRIO

Pelo ANÃO SABICHÃO

DESTA vez, voltei ao aquário, disposto a divertir os meus amiguinhos com as ratices de vários bicharocos que por lá encontrasse.

Aconteceu avistar primeiro um amigo caranguejo. Logo eu lhe botei esta fala:

— Viva lá, seu caranguejo;
ora ainda bem que o vejo!
Continua assim canejo,
mesmo aqui no aquário?

— Cale a bôca, salafrário!
Não seja assim ordinário!
Seu homem feito petiz!
Se eu sair daqui, um dia,
onde irá o seu nariz?
Agarro-o, com valentia,
com minha pinça afiada,
e não lhe digo mais nada!
E' como o outro que diz!...
Era uma vez um nariz!

— Eu fiquei mesmo varado,
ao vê-lo assim tão escamado,

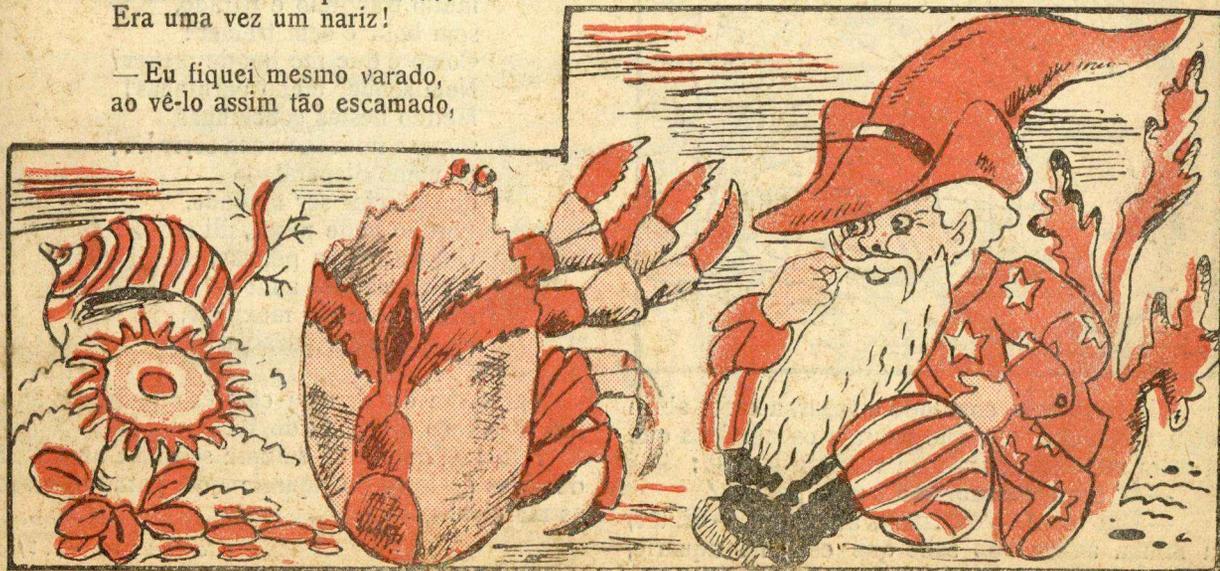
se é que escamas pode ter!
— Isto é modo de dizer!...
disse-lhe, muito contrito:
— Não fique tão aflito!

E' erro, amigo, o que pensa!
Nem tudo é o que parece!...
Pois que tomou por ofensa
o que era apenas interêsse!

Expliquei-lhe, então, que gostava que êle me desse parte das suas impressões, sobre a estada ali no aquário, para eu as publicar no *Pim-Pam-Pum*.

O bicharoco acalmou, como por encanto, sentou-se, cruzou as pernas, — os meus meninos nem podem calcular como êle estava elegante! — e, já bem disposto, respondeu-me assim:

— Diga lá no seu jornal
que aqui não estou nada mal,



porque ando sobre as pedrinhas,
ninguém me arranca as perninhas,
goso certa felicidade,
levo uma vida interessante,
pois ando à minha vontade,
para trás e p'ra diante.

Agradei-lhe aquelas informações e ia seguir o meu caminho quando um percebes — os leitorzinhos sabem o que é aquêlê marisco que mais parece um pêsinho de pôrco? — pois o tal percebes dirigiu-se a mim nêstes termos:

— Ainda bem que falo com o anãosinho que escreve no *Século*. Queria que me fizessem justiça! O meu nome é constantemente empregado na nossa língua. Há gente que acaba sempre os seus paliativos, com um *percebes*?... *Percebes*?... E, afinal, não me ligam importância de maior, percebe por quê, senhor anão?

— E, ó percebes, tu percebes porque estás aqui no aquário? — perguntei-lhe eu, divertido.

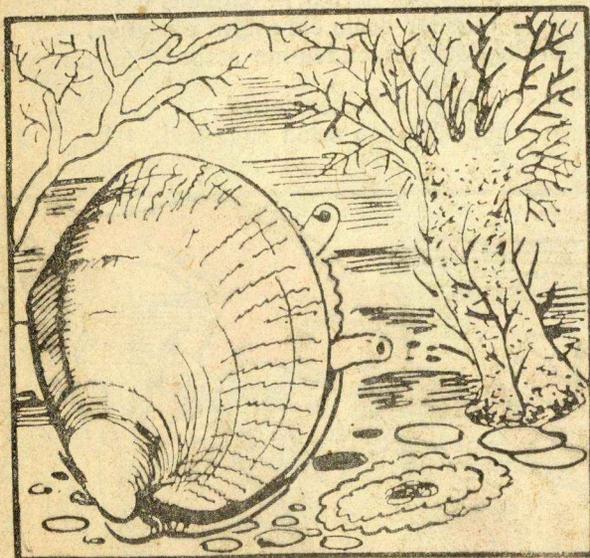
— Olhe, francamente não percebo lá muito bem, mas foi uma sorte que me sucedeu! Aqui, ao menos, estou livre de ser comido!

Também um burrié ficou como doido quando me viu! O maroto, lá de dentro da sua casinha, disse-me todo importante:

— Eu sou já um personagem muito conhecido no país! O meu hino correu Portugal inteiro! Começava assim:

— Quem é? Quem é,
que não compra o burrié?!...?

Mas uma ostra, ao ouvi-lo, ficou tão aborrecida e nervosa que lhe fechou a casca na cara! Demorei-me ali um bocadinho, esperançado que ela tornasse a aparecer.



Efectivamente, com todo o vagar, a casca abriu uma nesguinha, e o que pensam os meninos que a ostra me disse, com uma voz muito mole:

— O' senhor Anão, isto é uma pensão?

— Ora essa! — exclamei, admirado. — Então, a minha amiga não sabe que está no aquário,

quere dizer, na exposição dos peixes, moluscos, mariscos e crustáceos?

Cada vez mais molengona a senhora ostra tornou:

— Eu vivo tão retirada! Sempre dentro da minha concha, a ver se me nasce a tal doença, cha-



mada pérola. Não sei nada do que vai pelo mundo! Naturalmente estou aqui, até ela me nascer!

E lá a deixei a ruminar na tal história da pérola!...

Quem sabe se um mexilhão, que morava ali ao lado, me diria qualquer cousa mais interessante!...

Voltei-me para o bicharoco e indaguei:

— E tu, dize-me cá, queres que fale de ti no *Pim-Pam-Pum*?

— O demonico do bicho não se me sai com esta:

— Diga lá, senhor anão,
explique-me a razão,
porque é que um nome me dão
que não tem explicação?
Pois chamam-me mexilhão
e passo a vida agarrado,
muito tranquilo e parado,
sem bolir e sem tremer!
Como é que me hei-de mexer?
Nem sequer tenho perninhas!
Metido nestas conchinhas,
sempre imóvel, nunca corro!...
E' nome disparatado
que precisa ser mudado,
porque onde nasço, ali morro!
Ouça a minha petição,
amigo, senhor anão!
Em vez de ser mexilhão,
eu quero ser paradão!

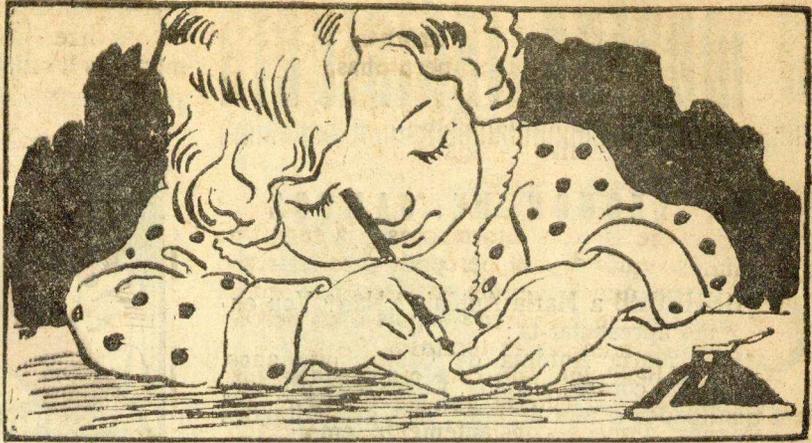
Fartei-me de rir com com êste pedido e aqui fica a petição divertida do bicharoco!

Não me queria ir embora sem dar uma vista de olhos às feras do aquário que, para mim, são as moreias!

(Continua na pag. 7)

CARTA á MÃISINHA

Por ZÉ D'ADEIA



MAIZINHA do coração,
Como passas, mais os manos,
O papá, «ti-ti», «vó-vó»,
E a criada Conceição?
Os meus aeroplanos
Estão junto do «pópó»?
Os meus soldados de chumbo,
Minha espada de latão,
Meu boné de comandar,
O tambor onde eu zabumbo,
O cavalo Refilão,
Tudo no mesmo lugar?

Ah! mãzinha, que saudades!
Nem as podes calcular...
Mas, enfim, nestas idades,
E' necessário estudar.

Cá, no colégio, há rigor,
Fatura, cuidado, asseio,
A comida é um primôr,
Só tenho pouco recreio!

Uma hora p'ra brincar
Com os meus bons companheiros,
Tudo mais é estudar
Entre livros e tinteiros!

Ontem, na aula de História,
Enganei-me na lição...
Pela falta de memória
Tive uma reprovação.

Mãzinha, nada dirá
Ao papá, pois tenho medo
Que se zangue o meu papá...
Não diga, guarde segredo.

Na aula de português
O meu saber melhorou,
Pois só me engano uma vez
em cada lição que dou.

Nas contas também não fico
Este ano reprovado,
Pois já somo e multiplico
Com o meu livro fechado!

Desenho já a primôr...
Sou dessa arte um dos donos!...
Calcula, o meu professor
Alcunhou-me: Pinta monos!...

Em química o que direi?
Sou um aluno líró...
Vê lá tu, até já sei,
Que a água é H 2 O!...

Em ciências é que estou
Um poucachinho atrasado,
O que até já motivou
Dizer-me o meu professor:
(Vê lá tu, que dissabôr...)
— «Tu és um burro chapado!»

Mas não julgues, oh! mãzinha,
Que eu sou um mau estudante...
Olha que a cabeça minha,
E' tal e qual uma estante!
Eu cá tanto hei-de estudar
Para agradar a meus pais,
Que tu inda has-de exclamar:
— «Meu filho sabes de mais!»

Mãzinha do coração,
Oh! meu cofre de segredos,
Onde busco protecção;
Nunca deixes mexer, não,
Nos meus queridos brinquedos!

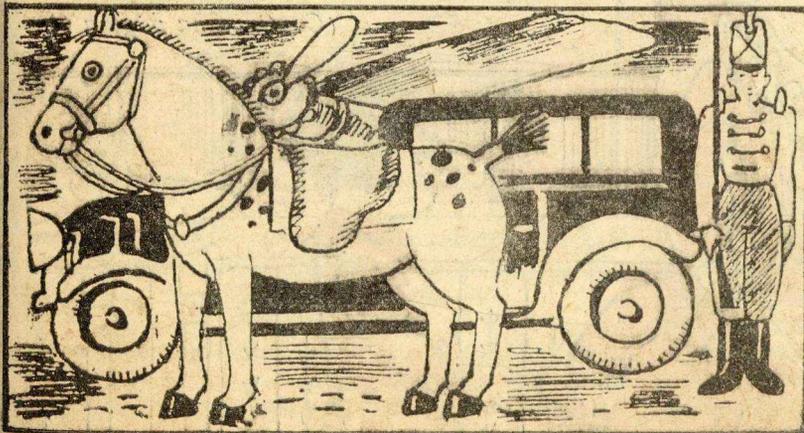
Nas férias vou começar
Uma coisa de espavento,
A qual eu ando a estudar
E p'rá qual tenho talento.

Vou fazer contos! Catita!
(Aqui p'ra nós já fiz um...)
Vou mandá-lo ao Santa Rita,
Director do Pim Pam Pum!»

O entrecho é um casamento,
Quem o ler por certo ri...
Do meu boneco Zé Bento
Com a boneca Lili!

Adeus, mamãzinha, adeus!
Muitas saudades, sem fim,
A todos, todos os meus,
Mana Lili, mano Quim.

Muitos chis-do-coração
Aos meus brinquedos, também!
E à minha querida Mã
Meu manto de protecção,
Ao meu papá tão seniido,
Para os dois todo o amor
De quem os tem no sentido,
E que há-de inda ser doutor
Um doutor em medicina!...
Grande homem do futuro,
Que muito saudoso assina:
Chico da Costa Maduro!



FIM

A menina indiscreta

Por LEONOR DE CAMPOS

CONHECES a Maria Antónia? Não? Vou então apresentar-ta:

Maria Antónia de Castro, oito anos, loira, córada, risonha. Como toda a gente, tem qualidades e tem defeitos. Mas as qualidades são tantas e tão grandes, que a gente chega a esquecer os seus pequeninos defeitos.

Contudo... não foi sempre assim!

Ainda há pouco meses, as pessoas da sua intimidade, falavam desta forma acêrca dela:

«Que pena! Que pena uma menina tão obediente, estudiosa e trabalhadora, ser, como a Maria Antónia, faladora, curiosa e estarola!...»

Mas se é certo que ela era assim há meses, hoje está completamente modificada.

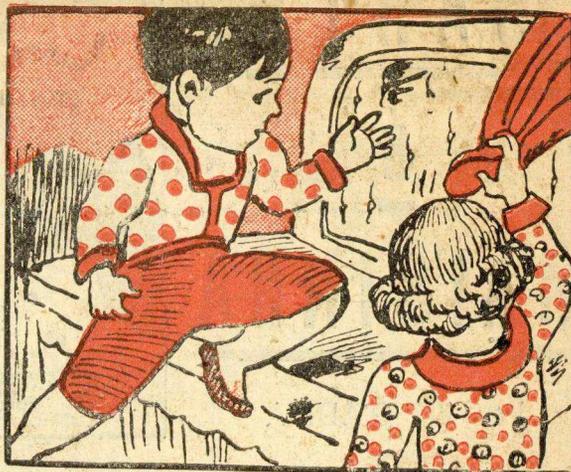
Imagina tu que ela era desta fôrça:

«No ano passado, sua mãe, D. Lídia de Castro, conheceu, num casamento, D. Rosa de Almeida. As duas senhoras simpatisaram mútuamente. E a mãe de Maria Antónia resolveu ir visitar D. Rosa. Quando, à tarde, voltou para casa, D. Lídia contou a seu marido, diante da filha, vários pormenores da visita.

«Na verdade — disse ela — simpatiso muito com D. Rosa. Apenas vejo um inconveniente nestas relações: — a aproximação dos nossos filhos. Os pequenos dela são absolutamente indisciplinados. Enquanto lá estive, fizeram diabruras de toda a espécie...»

«Coisas várias, que só fazem os meninos mal educados: saltar para cima dos sofás e cadeiras, sujando o estôfo com os pés, mexer o que está sobre as mesas, deitar-se no chão, a gritar...»

«Brr!... — arripiou-se Maria Antónia. — Que



meninos mais feios!... Eu cá é, que não faço destas maldades!...»

O pai de Maria Antónia sorriu e respondeu, afagando-a:

«Fazes doutras, que, também, não são muito bonitas!»

A conversa desviou-se naturalmente para outros assuntos e não se tornou a falar no caso.

Passados dias foi D. Rosa pagar a visita a D. Lídia. Conversaram durante tempo. A certa altura Rosa manifestou o desejo de conhecer Maria Antónia. D. Lídia chamou a filha, que depois, com o consentimento de sua mãe, ficou na sala.

As duas senhoras falavam, falavam... e Maria Antónia calada, aborrecida, sentia já formigueiros na língua e cócegas no céu da bôca. Mas continha-se porque a mãe não consentia que ela se intrometesse nas conversas das pessoas crescidas. Até que D. Rosa, estranhando o silêncio e a compostura da petiza, teve a má idéa de declarar a D. Lídia:

— «Estou a invejar-lhe a filha!... Parece mais uma senhora!... Que educada ela é!... Oh! se os meus pequenos assim fôsem!... Mas eu felizmente...»

— «Bem sei, bem sei!... Coitada! — (atalhou Maria Antónia). — Disse a mãezinha que os filhos da senhora eram muito malcriadrões: sujaram as

(Continua na página 6)



DESTINOS

NOVELA INFANTIL

Por GRACIETTE BRANCO

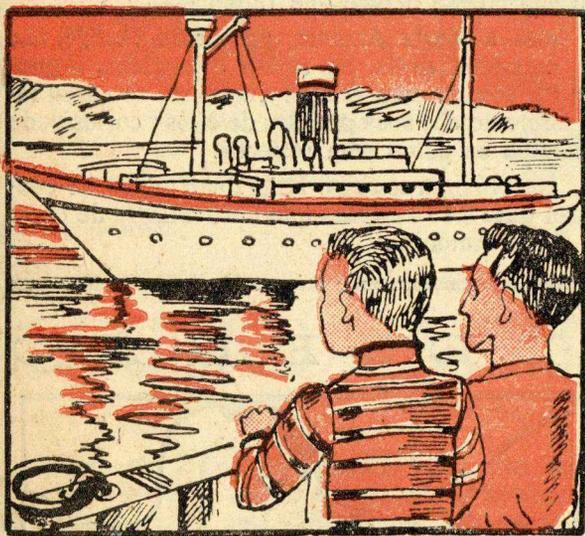
(Continuação do número anterior)

Foi com sincera e profunda tristeza, que a família Gonçalves aceitou a idéia da partida de Fernando, como criado do milionário Grossmith.

A intimidade com o rapaz, nas curtas horas em que permanecia em casa, foram sempre de tão suave simpatia, que tanto os pais como as duas crianças, sentiam-se tristes á lembrança duma separação.

Demais, o sr. Gonçalves duvidava do êxito de tal empreendimento, receando muito pela sorte de Fernando, tão longe da família e tão novo, em terras tão distantes.

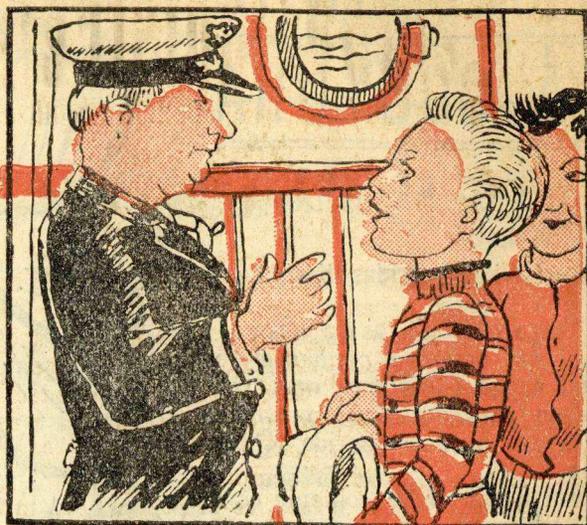
Mas nada demovera o rapaz: nem os conselhos do primo nem as súplicas de Rosinha, que recebera, de chofre, a notícia da separação. Bem lhe afirmara Fernando que o principal motivo que o levava a deixá-la era a ância, cada vez mais forte, de conseguir sêr rico, para que o futuro de ambos sempre fôsse desafogado e feliz, mas Rosinha, de temperamento modesto e sîmples, nada



mais desejava do que uma vida calma a um balcão, duma casinha pequena e sempre a presença carinhosa do seu dedicado Fernando.

Em hora combinada o «Charuto» e Fernando saíram do armazem, com destino ao hotel onde mister Grossmith se achava instalado, para que o milionário contratasse o rapaz para a próxima partida.

Fernando, apesar do grande domínio que tinha



sôbre os seus nervos, sentia-se intimidado, receoso de desagradar ao futuro patrão.

Quando, porém, na pequena ante-câmara a sua voz entrou pela porta entreaberta, alegre, fresca, clara, como um clarim vibrante, a alma de Fernando banhou-se tôda na claridade franca duma alegria, sem limites, duma confiança cega, espontânea, dum entusiasmo ardente, nervoso, difícil de dominar.

Passados minutos, um criado introduzia os dois rapazes no gabinete do milionário.

«Charuto», desembaraçado, avançou de boné na mão, exclamando alegremente:

—«Trago-lhe aqui o rapaz de que lhe falei, meu senhor. Sério e fiel não pode encontrar-se outro. Vimos ambos para que Vossa Excelência veja se lhe agradamos e quando quere que entremos para o seu serviço.»

O inglês havia-se levantado e aproximado dos dois rapazes.

—«Como te chamas?»—preguntou, dirigindo-se a Fernando.

—«Saiba Vossa Excelência que me chamo Fernando, um seu criado; respondeu o rapaz, com a voz firme e clara, apoiada na alegria interior que lhe subia, quási em soluços, á garganta...

—«Gostar muito de vocês. Simpáticos rapazes. Eu querer vocês para serviço meu. Barco partir daqui dois dias, mas vocês entrar amanhã para eu ir habituando a vocês.»

Os rostos dos dois rapazes revelaram tanta alegria íntima, que o inglês, habituado a lêr nas almas e a perscrutar expressões, sorriu, satisfeito pelo prazer que podia dispensar a duas crianças que encetavam, agora, a caminhada da vida.

Ficou combinado o ordenado para trezentos escudos mensais a cada um dos rapazes, o que para êles, representava uma fortuna, entrando pela janela, de súbito...

Foi aos saltos de alegria que Fernando entrou em casa dos primos Gonçalves, conseguindo deixá-los maravilhados com a magnificência do ordenado.

(Continua no próximo número)

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA-MESTRA

Minhas queridas discipulas:

Trago-vos, hoje, as Papoulas. E' um pequeno *napperon* de fácil execução e que uma vez pronto será um lindo presente para dar à vossa querida Mãizinha.

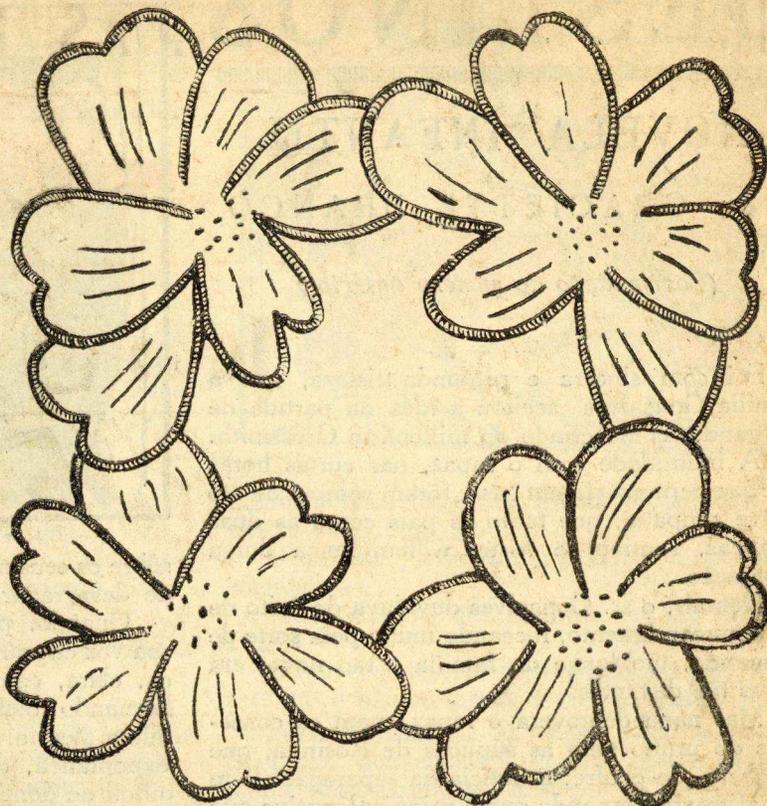
Ela ficará muito contente com a lembrança e aplicação de sua filha.

O bordado é feito em linho.

O recorte e as nervuras são executados com algodão brilhante, encarnado.

Uns nósinhos pretos fazem os olhos, completando, assim, as flores. Fazei o vosso trabalho com perfeição, é o que vos recomenda sempre a

Abelha Mestra.



A menina indiscreta

(Continuação da página 4)

cadeiras, deitam-se no chão e ainda fazem outras maldades...»

Estás a ver, leitorzinho, o desespero de D. Lídia e a indignação de D. Rosa!...

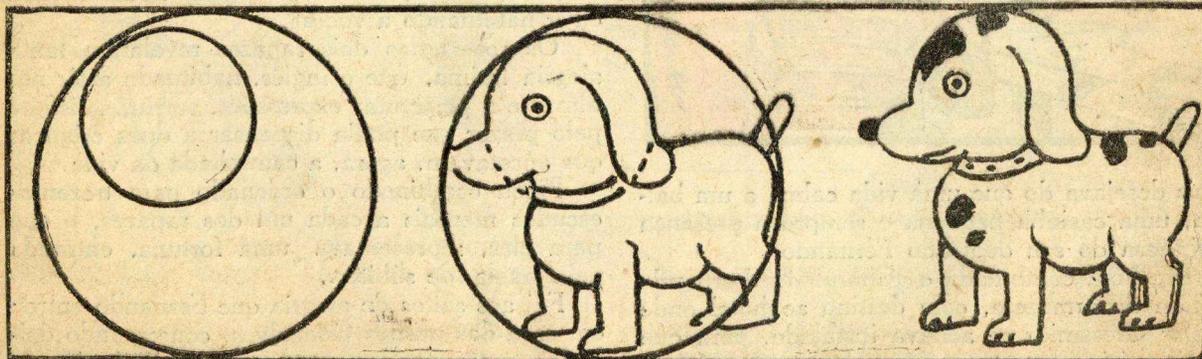
Terminaram logo as relações. E a indiscreta Maria Antónia apanhou um severo castigo.

— «E' que — (dizia ela, mais tarde, quando alguém aludia ao assunto) — se naquêlê momento eu não falasse parece que rebentava!...»

Mas a Maria Antónia, apesar do castigo, não se emendou desta. Só meses decorridos, depois de ter sofrido uma grande vergonha, se curou radicalmente dos seus grandes defeitos: curiosidade e mania de palrar sem reflectir.

Na próxima semana, leitorzinho amigo, te contarei qual foi o remédio que fez o milagre de curar a Maria Antónia.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



COMO SE DESENHA UM CAOZINHO

CHARADAS EM FRASE

ENIGMAS PITORESCOS

Neste templo minha irmã orou toda uma época — 1 — 2.

Aquelas torpes criaturas de feição dura, ocultam-se num disfarce 1 — 2.

A acusada de rosto prazenteiro tomava o seu repasto — 1 — 2.

A poeira serviu a este mulher para tema duma poesia 1 — 2.

De leito em leito este animal invadiu todo o dormitório 2 — 2.

Aquele sensaborão numa medida gravou uma letra 2 — 2.

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES: 1 — Soalho, 2 — Amazona, 3 — Comediante, 4 — Panorama.

CHARADAS COMBINADAS

+ o — Fruto
+ a — Adjectivo
Conceito: Ave

+ ta — Rumo
+ ta — Folha
Conceito: Ave

+ to — Animal
+ bo — Animal
Conceito: Ave

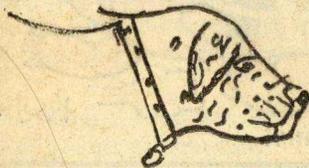
+ ta — Mentira
+ mo — Róta
Conceito: Ave

+ no — Fazenda
+ la — Presunçosa
Conceito: Ave

+ tar — Colorir
+ ca — Lura
Conceito: Ave

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES: 1 — Compasso, 2 — Esquadro, 3 — Régua, 4 — Raspadeira, 5 — Ardózia, 6 — Sacola.

COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho do menino Alexandre de Sousa de 9 anos de idade.

1) 2) 3) 4) 5) 6) 7) 8) 9) 10)

1934 - Américo Jaborda (Rei do Leão)

SEGUNDA VISITA AO AQUARIO

(Continuação da página 2)

Cheguei-me à borda do tanque onde elas estão, mas, a-pesar-de nunca me intimidar nenhum animal, quando vi uma delas, fiquei tão atropalhado que só me saí isto:

— Então, como passou Senhora Moreira?

Não imaginam como ela ficou fúria ao ouvir o meu engano!

Na idéia de me saltar, subiu para as costas duma tartaruga!

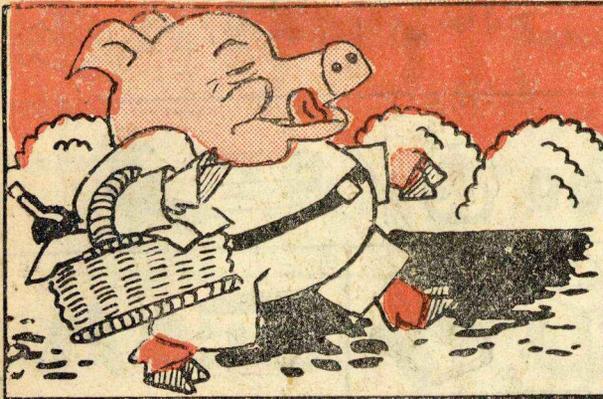
Foi o que me valeu, porque me saí, pé ante pé, enquanto a tartaruga se afastava, levando a fera moreia a barafustar sobre o costado!

E aqui está, dum modo vário, o que passei no aquário, e tudo quanto lá vi, o quanto me diverti, a ouvir o bicharões, com as suas ambições, muito maior em porção, que as do rei da criação!

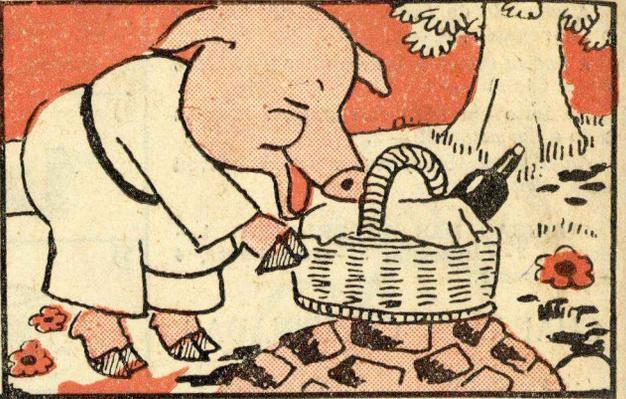
Um grande aperto de mão do vosso

ANÃO SABICHÃO.

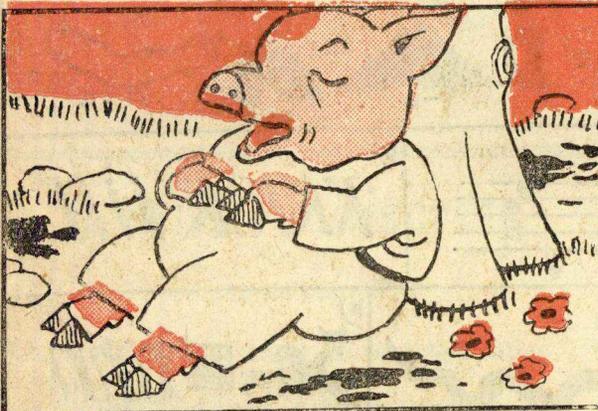
GUARDADO ESTÁ O BOCADO...



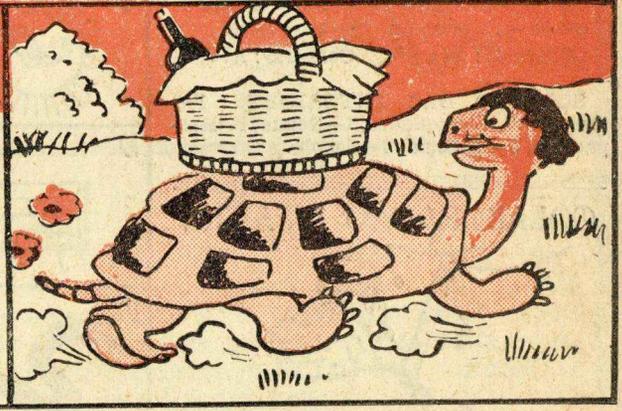
I — Certo dia estival, quentinho e lampo, transportando a merenda num cestinho, compadre Porco resolve ir, sózinho, passar a tarde inteira em pleno campo.



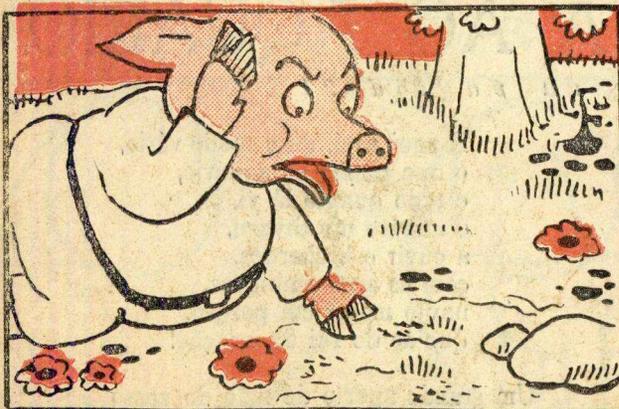
II — Chegado, enfim, a um sedutor local, poisa sobre uma pedra o seu cabaz e fica contemplando, em doce paz, da linda vista a graça natural.



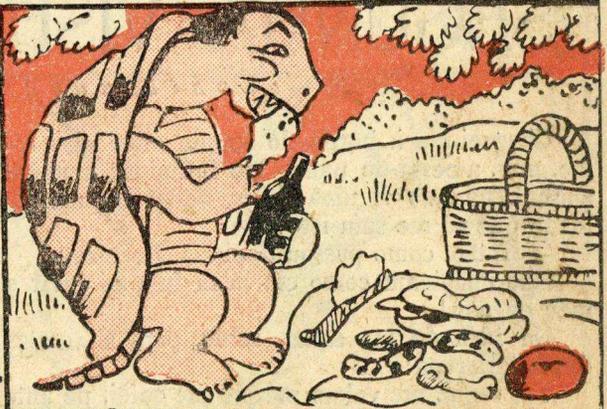
III — Então, até que chegue a hora propícia de tirar o cabaz da pedra e nela estender a merenda e, enfim, comê-la, num tronco se recosta... ai que delícia!



IV — Mas, não supondo uma possível fuga, o que o pobre porquinho não notara foi que a tal pedra, em que o cabaz poisara, não era pedra; era uma Tartaruga.



V — Tartaruga que, logo, dando ao pé, leva no cabazinho a bela açôrda; de forma que o porquito quando acorda busca, em vão, o cabaz, pois não o vê!



VI — Entretanto, bem longe, com prazer, devora a Tartaruga o bom bocado que o Destino deixara reservado para aquela que havia de o comer!